TL1600

AMIZADE ENTRE PORTUGAL E A INDONÉSIA

OU

CONLUIO DE INTERESSES PARA MINAR A SOLIDARIEDADE COM O POVO TIMORENSE E ATÉ TAMBÉM COM O PRÓPRIO POVO INDONÉSIO?

A. BARBEDO DE MAGALHÃES
Professor Catedrático da Universidade do Porto (UP)
Membro do Grupo Paz e Justiça para Timor Leste
Coordenador das I, II, III, IV e V Jornadas de Timor da UP

A comunicação social tem-se feito eco, nos últimos meses, de uma iniciativa de cidadãos portugueses no sentido de ser criada uma Associação de Amizade Portugal-Indonésia.

Acharíamos muito bem que se criasse uma tal associação se ela visasse promover, de facto, a amizade entre o Povo Português e o Povo Indonésio. Mas as afirmações e as propostas que os promotores da iniciativa têm feito mostram claramente que o objectivo não é esse mas, tão somente, o de minar a posição de Portugal como defensor do direito à autodeterminação de Timor Leste e de servir os interesses da ditadura indonésia, a troco de benefícios económicos para os seus agentes em Portugal.

Com efeito, em 13 de Agosto de 1993 o jornal Público transcrevia uma carta do General Galvão de Melo em que este faz sua a afirmação de que Timor só tem ganho desde que está ligado à Indonésia. E, para confirmar a sua afirmação, compara o número de escolas que haveria em 1974 com o de hoje, o número de quilómetros de estradas asfaltadas, etc. Porque será que se esqueceu de falar do número de timorenses vivos em Timor antes e depois da invasão?. Será que à Associação de Amizade só interessam os valores económicos com total desprezo pelos valores humanos e nomeadamente pelo Povo Timorense?

É que não se pode confundir Timor, território, com Timor, nação. O ocupante investe na terra que ocupa enquanto dela despoja os legítimos donos. Destroi Timor como Nação, porque uma nação não é só um território mas é

principalmente o Povo que nele habita e que aí se reconhece, a si próprio e à sua história.

De facto o povo timorense sofreu um autêntico genocídio, como se pode ver pelo gráfico 1. As suas culturas - quer a cultura espiritual quer culturas agrícolas - foram destruídas e até os seus principais bens e lugares de culto, casas, aldeias e gado sofreram o quase completo aniquilamento. O gráfico 2 mostra como, ao fim de quatro anos de ocupação indonésia, o gado timorense, com cerca de um milhão de cabeças em 1973, ficou reduzido a pouco mais de um décimo do que era antes da invasão!.

Em entrevista publicada no Expresso de 4 de Setembro, o industrial Manuel Macedo afirma que *"é um absurdo o que por aí andam a dizer sobre o atropelo dos direitos humanos em Timor Leste. Acabei de chegar de uma visita ao território e não vi vestígios de repressão"*.

Como gostariamos de concordar com Manuel Macedo! Mas se isso fosse verdade, porque terá permanecido Timor Leste tantos anos vedado, e ainda hoje continua fechado a muitas organizações internacionais de auxílio humanitário, a tantos jornalistas independentes que quizeram e querem lá ir, e até a delegações do Parlamento Europeu, do Japão e doutros estados que mantêm com a Indonésia boas relações? Porque é que há tanta censura à passagem de informações de Timor Leste para o exterior, e porque é que as autoridades indonésias prendem ou obrigam dezenas ou centenas de jovens a seguir *"cursos especiais"* em aquartelamentos e outros locais não visitáveis, para evitar manifestações quando delegações estrangeiras vão ao território (como aconteceu recentemente quando uma delegação parlamentar sueca e outra do Congresso Americano foram a Timor Leste)?. E porque põem microfones e mini-gravadores dentro das camisas dos timorenses presos, quando estes são autorizados a falar com visitantes estrangeiros? Porque é que as poucas notícias que conseguem furar o bloqueio imposto pelas forças de ocupação continuam a falar de prisões sem julgamento e das mais horríveis torturas que muitas vezes conduzem à morte e ao *"desaparecimento"* de tantos e tantos timorenses!

Curisosamente a iniciativa de criar uma Associação de Amizade e uma Câmara do Comércio Luso-Indonésia surge em simultâneo com uma série de artigos e até editoriais a propôr uma *"solução"* rápida da questão de Timor-Leste que inclua o reconhecimento da integração. No dizer dos articulistas, a independência é inviável.

Alguns, embora reconhecendo não ter dados sobre o território, presumem que será inviável económicamente. Ignorarão, por certo, que os terrenos de

Timor são ferteis e que as chuvas abundantes faziam correr lágrimas de alegria a funcionários cabo-verdeanos quando eram destacados para lá. O mar é riquissimo em peixes e mariscos. A ilha é bela e tem boas praias que alguns turistas australianos bem apreciavam e que levavam empresas Japonesas a prever investir, em 1975, no turismo. O seu café e sândalo eram dos melhores do mundo. E ainda por cima tem no Mar de Timor jazidas de petróleos que são umas das vinte maiores do planeta.

Outros nem se dão sequer ao trabalho de dizer porque consideram inviável a independência.

Tendo caído o Muro de Berlim e terminado a Guerra Fria, caiu por terra também o maior obstáculo - que era de natureza geoestratégica - que se opunha à independência de Timor Leste.

Por isso é que vemos hoje os próprios Estados Unidos a mudar de posição, que já quase se inverteu: - de anterior apoiante, quase incondicional, da anexação, passaram a críticos da mesma. Desde Outubro do ano passado que as pressões americanas sobre o governo de Jacarta não têm deixado de crescer. Foi graças a isso que a Comissão dos Direitos Humanos aprovou, finalmente, em 1993, uma Resolução a condenar a Indonésia por causa de Timor. E é extremamente significativo que grande parte da primeira conversa que o Presidente Clinton teve com o General Suharto tenha sido sobre Timor Leste !.

A recente aprovação, já em Setembro deste ano, na Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado, de uma proposta de emenda que condiciona a venda de armas americanas à Indonésia ao respeito pelos Direitos Humanos neste território foi mais um passo no mesmo sentido.

Alguns consideram que as divisões entre timorenses são demasiado grandes e que existe o perigo de nova guerra civil. Por mais que nos custe o espectáculo que a Comunicação Social nos transmite dessas divisões, o que mais espanta é que apesar delas e da guerra civil de 1975 - óbviamente instigada e manipulada por generais indonésios - foi possivel criar uma Convergência Nacionalista entre a UDT e a FRETILIN. Mais importante ainda é que no terreno existe uma Resistência Nacionalista única, que só sobrevive porque tem o apoio de quase toda a população timorense, cujo sentimento nacional se consolidou e que todos os anos se reforça em reacção à própria brutalidade da ocupação.

Finalmente, outros julgam que Timor Leste é demasiado pequeno. Desconhecerão, provavelmente, que com os seus 18.899 Km2 tem um território maior do que mais de cinquenta estados representados na ONU. Esquecerão

também que junto da Indonésia há outras nações muito mais pequenas. Basta falar de Singapura, que é um estado independente apesar de ter somente 581 Km2 e se situar na ponta sul da Malásia, a escassos quilómetros da Indonésia, e que o Brunei, com menos de um terço da área de Timor Leste, é também um estado independente situado numa grande ilha maioritariamente indonésia (Kalimantam ou antigo Bornéu)?.

A coincidência dos artigos referidos com as propostas de criação da Câmara do Comércio Luso-Indonésia leva a pensar que Manuel Macedo e Galvão de Melo serão a face visível de um iceberg de pessoas e grupos cujos interesses levaram a pactuar com objectivos políticos ainda dominantes na ditadura indonésia, dispondo-se a entregar Timor e os timorenses a troco de benefícios económicos imediatos ...

O objectivo político mais ou menos explícito é tentar forçar o Governo Português a reestabelecer as relações diplomaticas com a Indonésia.

Em tempos de crise as tentações são muitas. Mas não se pode abandonar, mais uma vez, os timorenses à sua sorte, entregues nas mãos de um ocupante tão poderoso e brutal. Não se pode trair assim uma relação de séculos com um povo a quem nos ligam laços históricos e culturais profundos, quando, de mais a mais, Portugal, enquanto legítima potência administrante, representa a Comunidade Internacional e a obrigação que esta tem de garantir o direito à autodeterminação do território.

Será que o facto de o Governo Americano, a Comunidade Europeia e, dum modo geral, a Comunidade Internacional, ter finalmente acordado para o drama de Timor e de, pela primeira vez desde a invasão, o Governo Indonésio começar a perder terreno, torna tão apressadas em encontrar uma solução (que não questione a anexação de Timor Leste pela Indonésia) pessoas que durante tantos anos não mostraram pressa em parar com o genocídio?.

A evolução recente faz-nos pensar que mesmo a própria ONU, até agora tão pouco eficiente na resolução do problema de Timor Leste, se poderá tornar eficaz, como foi no caso da anexação do Kuwait pelo Iraque e noutros casos.

Só a vontade dos homens é que poderia inviabilizar a independência de Timor Leste. Mas essa, felizmente, está a mudar, não só na Comunidade Internacional, mas também na própria Indonésia, onde já foram criadas organizações clandestinas para apoio aos timorenses e à própria independência de Timor Leste!.

Talvez seja por estar a perder terreno no plano internacional que o

Governo de Jacarta tenta, a todo o custo, minar a resistência timorense e a solidariedade de Portugal, procurando chegar rapidamente a uma solução antes que a autodeterminação se torne completamente inevitável. Daí a pressa em tentar arranjar, nos meios empresariais, jornalisticos e politicos, apoios para o restabelecimento das relações diplomáticas. Representando Portugal a própria Comunidade Internacional, por ser a legítima Potência Administrante do Território, esse reconhecimento poderia ser interpretado como uma aceitação da anexação pela própria Comunidade. Não é, pois, ingénua a proposta dos mentores da Câmara de Comércio Luso-Indonésia!...

A Amizade entre os povos de Portugal e da Indonésia deve ser fomentada, mas não à custa dos timorenses, nem à custa do próprio povo Indonésio, cujo governo, por não ser democraticamente eleito, nem sequer tem legitimidade para o representar.

Uma verdadeira amizade entre Portugal e a Indonésia não pode esquecer que também são Indonésios os que lutam pelo democratização da sua pátria e que defendem a autodeterminação e independência de Timor Leste. Também são indonésios aqueles que nas V Jornadas de Timor da UP deram testemunhos arrepiantes da opressão de que também eles - e não só os timorenses - são vítimas nas mãos dos agentes do regime ditatorial e sanguinário que domina o arquipélago indonésio. E também eles querem poder viver livres e dignos, sem massacres, sem prisões arbitrárias, sem torturas e sem o risco de encontrarem um dia à porta de casa a cabeça decapitada de um tio dissidente, como contou o Budi à jornalista que o entrevistou (ver Público de 21/7/93).

A amizade entre o Povo Portugês e o Povo Indonésio tem que passar também pela amizade para com os corajosos indonésios que lutam pela liberdade e pela democracia para o seu próprio povo e que apoiam os timorenses, a quem reconhecem plenamente o direito à autodeterminação.

Não confundamos, pois, amizade com conluio de interesses. E não confundamos, sobretudo, a amizade entre dois povos - que se deve sempre fomentar - com a traição ao próprio povo timorense, às responsabilidades de Portugal, à dignidade do Povo Português, ao alcance planetário e humanista da gesta dos Descobrimentos e ao sentido da nossa própria História.

Porto, 20 de Setembro de 1993

A. Barbedo de Magalhães

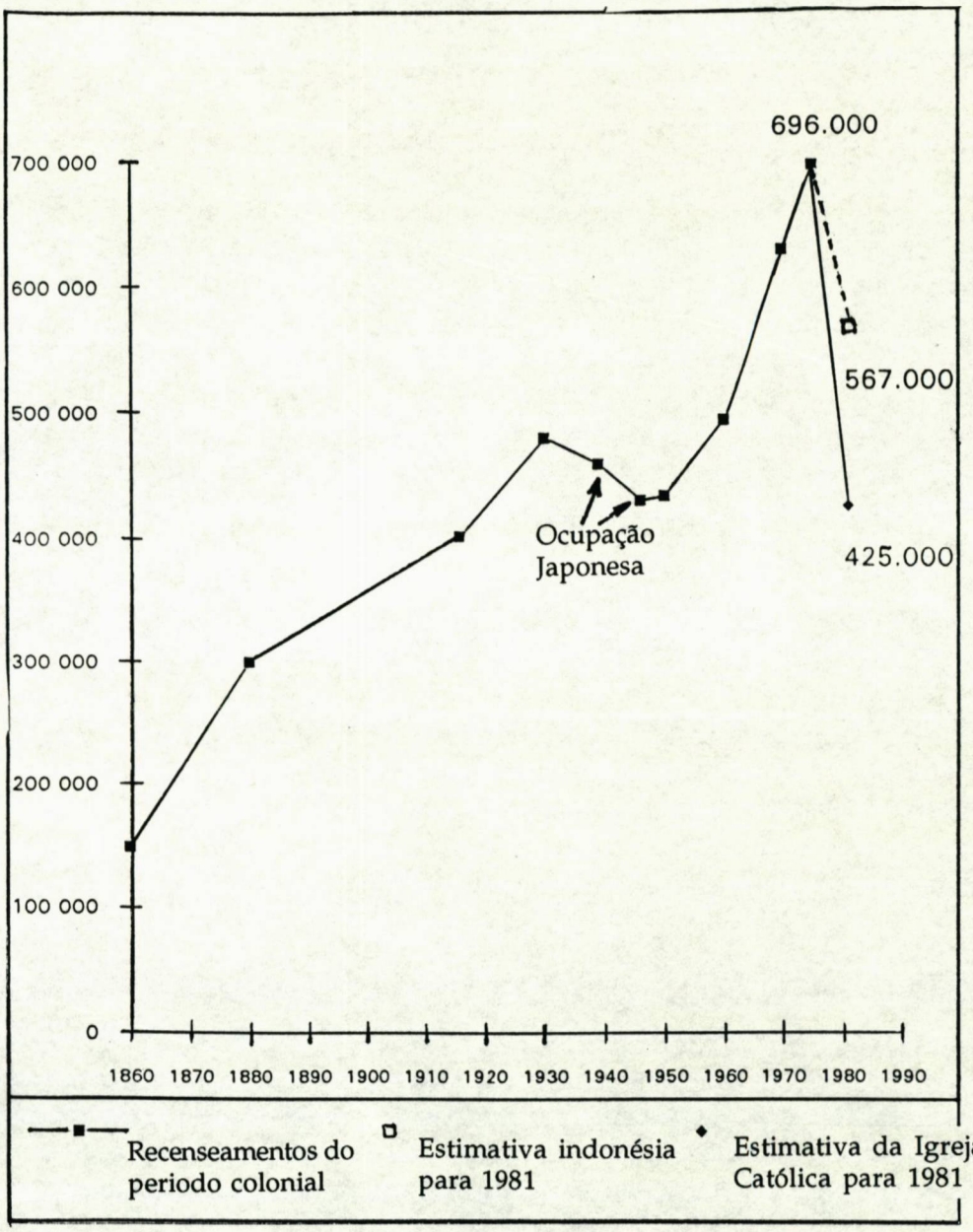

Figura 1 - Evolução da População de Timor Leste: 1860 - 1981

(Segundo Gabriel Defert, especialista francês em assuntos da Indonésia e de Timor).

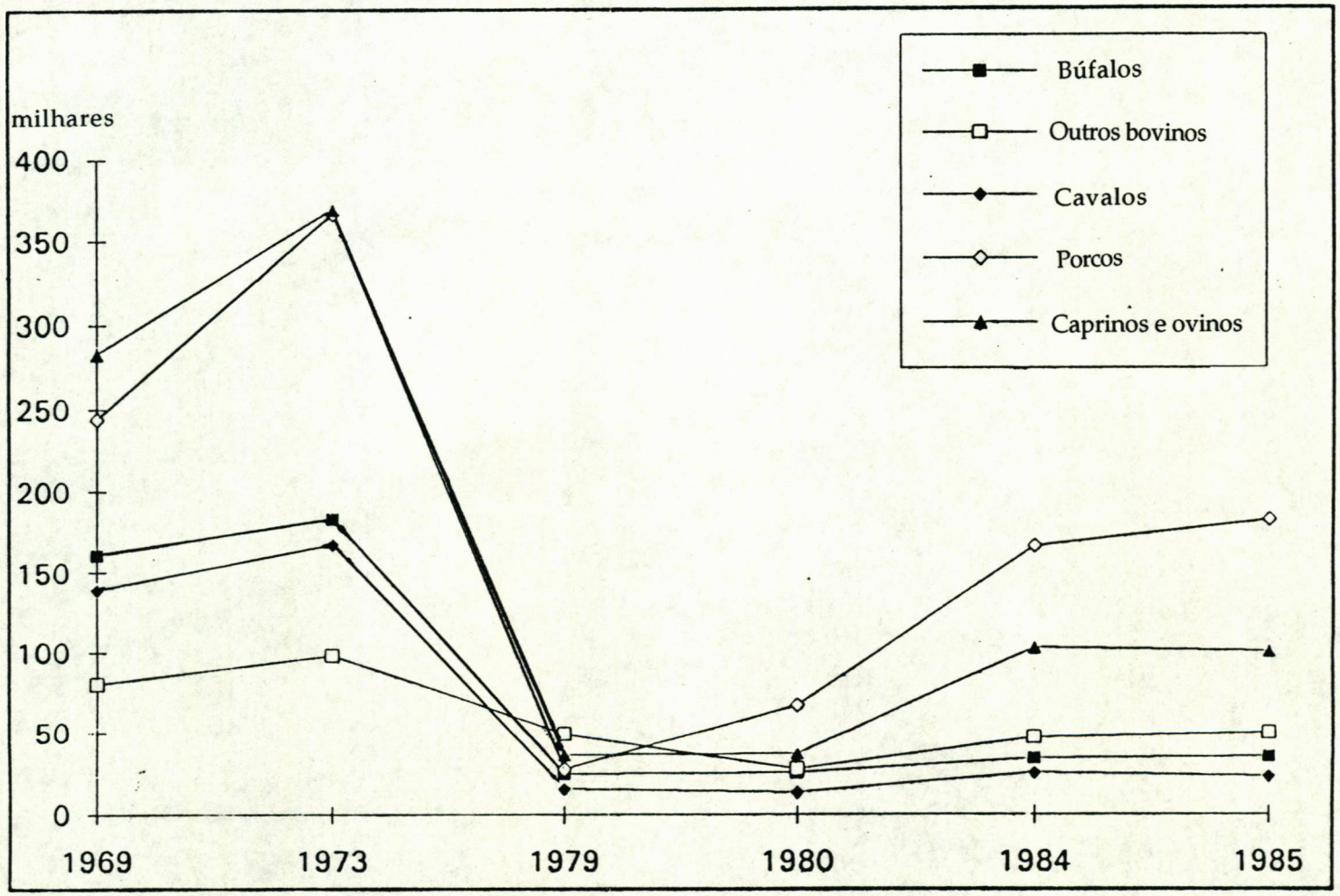

Figura 2 - Gado existente em Timor Leste. (Segundo dados publicados pelo Parlamento Australiano e retomados por Gabriel Defert).